

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Ana Luiza Goulart Loder Alvarenga

DA PRODUÇÃO TEXTUAL AO ESTUDO GRAMATICAL

Porto Alegre
2009

Ana Luiza Goulart Loder Alvarenga

DA PRODUÇÃO TEXTUAL AO ESTUDO GRAMATICAL

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em
Letras pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Ms. Teresinha de O.
Favero

Porto Alegre
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Rui Vicente Oppermann

INSTITUTO DE LETRAS
Diretora: Jane Fraga Tutikian
Vice-Diretor: Maria Lucia Machado de Lorenci

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
Chefe: Ana Lúcia Tettamanzy
Chefe-Substituto: Paulo Seben

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE LETRAS
Coordenadora: Sérgio de Moura Menuzzi
Chefe-Substituto: Cláudia Mendonça Schreeren

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A473e Alvarenga, Ana Luiza Goulart Loder.

Da produção textual ao estudo gramatical. / Ana Luiza Goulart Loder Alvarenga, orientadora Terezinha de Oliveira Favero. – Porto Alegre, 2009.

f.

1. Letras 2. Gramática 3. Texto I. Favero, Terezinha de Oliveira.
II. Título.

CDU: 806.90: 8.081

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Av. Bento Gonçalves, 9500
Campus do Vale
Bairro Agronomia
Porto Alegre – RS
CEP: 91540-000
Telefone: (51) 3308-6697
Fax: (51) 3308-7303

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Luiza Goulart Loder

DA PRODUÇÃO TEXTUAL AO ESTUDO GRAMATICAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ms. Teresinha de Oliveira Favero
Orientadora

Profª. Ms. Maria Alice Kauer
Examinadora

Profª. Drª. Ingrid Sturm
Examinadora

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover uma reflexão acerca do ensino de Língua Portuguesa, questionando métodos e buscando a real importância e aplicação dos conhecimentos a serem ensinados. Aborda a relação entre o ensino puramente gramatical e o ensino através de textos escritos, defendendo a ideia de que, para se obter um resultado satisfatório, é preciso apresentar o objeto de estudo constituído no texto, desse modo mostrando a aplicação prática desse conhecimento em atividades que buscam levar o aluno a refletir sobre a língua e não simplesmente a decorar regras que nada lhe dizem.

Para atingir os resultados almejados, se faz necessário adequar os temas trabalhados e a forma de abordagem dos mesmos à realidade infantil e adolescente, considerando fatores como as condições culturais, sociais e linguísticas do grupo.

Palavras-chave: *Ensino de Língua Portuguesa. Gramática. Texto.*

ABSTRACT

This work aims to promote a reflection on the teaching of Portuguese language, questioning methods and seeking the real importance and application of knowledge to be taught. Discusses the relationship between education purely grammatical and teaching through written texts, defending the idea that, to achieve a satisfactory result, you need to present the object of study formed in the text, thus showing the practical application of knowledge in activities seeking to bring the student to reflect on the language and not simply to memorize rules that tell him/her nothing. To achieve the desired results, it is necessary to fit the themes discussed and how to approach the reality of these children and adolescents, considering factors such as cultural, social and linguistic group.

Keywords: Teaching Portuguese. Grammar. Text.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 QUADRO CRÍTICO ATUAL	10
3 ATUAIS VERTENTES METODOLÓGICAS	16
3.1 O livro didático	20
4 O TEXTO COMO PONTO DE PARTIDA E PONTO DE CHEGADA NO ENSINO DE LÍNGUA	24
4.1 Ler.....	24
4.2 Escrever.....	27
5 SUGESTÕES METODOLÓGICAS	30
5.1 Produção textual – processo completo	30
5.2 Orações adjetivas	33
5.3 Correção interativa.....	36
5.4 Pontuação: vírgula	39
5.5 Classificação dos substantivos	41
5.6 Sinônimos e antônimos - referência.....	43
5.7 Gramática através da leitura de textos.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1 INTRODUÇÃO

O Ensino de Língua Portuguesa¹ na escola regular é sempre cercado de muita polêmica e discordância por parte dos educadores quando o assunto são os métodos a serem utilizados e a linha teórica a ser seguida. Há aqueles que defendem o ensino gramatical puro como meio e fim; aqueles que acreditam no uso didático apenas de textos, sem qualquer contato com a teoria; e aqueles que costumam aplicar um pouco das duas opções, porém dando prioridade ao texto. Este trabalho visa a debater tais questões e opções, levantando os possíveis resultados a serem obtidos em cada caso, mas defendendo, desde o início, a visão de que é necessário utilizar as duas ferramentas, aplicando o estudo gramatical ao uso do texto, sempre adaptando as atividades aos interesses e às características peculiares à idade e ao grupo de alunos. Dessa forma, é possível obter resultados realmente satisfatórios do trabalho programado para a turma, fazendo com que os alunos aprendam de verdade e internalizem a gramática da língua culta, mostrando a igual importância e utilidade das variações da língua, sabendo aplicá-las nas situações adequadas.

Apesar de valorizar todas as variantes da língua, não se pode deixar de ensinar a variante culta, porque é através dela que são abertas as possibilidades para a ascensão social e econômica, o que proporciona qualidade maior de vida, desejo de qualquer pessoa. A língua, é pois, forte pré-requisito para oportunidades profissionais que apresentem nível pouco mais valorizado², sendo exigidas aptidões expressas na oralidade e na escrita. Em Bortoni-Ricardo (2005, p. 15), essa questão é abordada:

Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem as portas, já estreitas, da ascensão social.

¹ Doravante LP.

² Não esquecer os jogadores de futebol, modelos e artistas em geral que, no Brasil, muitas vezes ascendem socialmente, sem essa exigência.

Dessa forma, fica evidente que é indispensável a consideração de diversos aspectos para que sejam estipulados métodos, ferramentas e atividades, que devem ser adequadas à realidade das crianças e adolescentes em questão. Só assim poderá ser realizado um trabalho produtivo, com a participação do grupo e com resultados satisfatórios de verdadeira aprendizagem, ou seja, aquela em que o aluno é capaz de entender e aplicar os conhecimentos adquiridos nas diferentes situações da vida cotidiana e nas ocasiões em que julgar pertinente.

2 QUADRO CRÍTICO ATUAL

O quadro atual do ensino nas escolas públicas regulares tem se mostrado precário e pouco produtivo na significativa maior parte das escolas brasileiras, atingindo até escolas particulares. Como o ensino de Língua Portuguesa é parte do currículo escolar, está inserido no contexto da mesma problemática, apresentando um cenário bastante preocupante para o futuro das crianças e adolescentes de hoje. Os efeitos são gritantes e as causas são diversas. Só para citar algumas que se encontram no interior da escola: os métodos estão ultrapassados; os objetivos estão equivocados; e o objeto de estudo está sendo utilizado de maneira inadequada. O problema resulta em consequências que aparecem no presente, afetando, inclusive, o futuro, pois, no momento, os cidadãos brasileiros em geral não estão tendo acesso a um ensino de qualidade, que, de fato, acrescente conhecimento e cultura. Isso significa cultivar um povo culturalmente debilitado, sem preparo para exercer profissões que exijam seres pensantes e, conforme Azeredo (2007, p. 31), sem condições de “avaliar situações, buscar informações, fazer escolhas ou desfrutar dos bens culturais”.

Se visitarmos as escolas para sondar as condições de trabalho, estímulo, interesse e produção dos alunos, constataremos de imediato que a situação é, de fato, complicada em grande parte das vezes. A visão que os alunos têm das aulas de Língua Portuguesa e do conteúdo em si é certamente negativo. Se perguntarmos a opinião de cada um sobre essas aulas, obteremos como resposta a total aversão e desinteresse pelo conhecimento que um bom trabalho com Língua Portuguesa, certamente, seria capaz de proporcionar.

Em grande parte das escolas públicas, o Português é tratado como um conteúdo a ser decorado, o qual não parece possuir utilidade e tampouco objetivo a ser alcançado. Para a grande maioria dos alunos, crianças ou adolescentes, LP é uma matéria “chata” a ser aprendida, com nível alto de dificuldade e nomenclaturas realmente complicadas. O conteúdo é passado exaustivamente no quadro negro, em geral em forma de perguntas e respostas, exigindo dos alunos nomenclaturas, que, normalmente, eles não sabem o que de fato significam. Outras vezes, o assunto abordado nem é explicado pelo professor, que se utiliza do livro didático, que, por sua vez, costuma apresentar breves e incompletas (quando não equivocadas)

explicações acerca dos conteúdos gramaticais. Dessa forma, os alunos se vêm sem base para internalizar a proposta, muito menos responder a questões determinadas. Por isso, “chutam” qualquer resposta ou marcam a famosa cruzinha na opção mais simpática. Na correção, não se cria o ambiente para o esclarecimento de dúvidas, pois os alunos se sentem constrangidos por perguntar questões básicas, uma vez que está subentendido que já dominam o assunto, já que têm o livro didático como apoio. A professora, na maior parte dos casos, corrige os exercícios oralmente (quando o faz), com pouca participação dos alunos, seguindo adiante, sem procurar dar atenção à grande parte da turma que se manteve em silêncio ou conversando e brincando, podendo ser uma evidência de pouco ou nenhum interesse e/ou compreensão sobre o assunto.

Uma problemática ainda maior é o fato de não estarem sendo apresentados aos estudantes o real valor e a real utilidade do estudo da nossa língua. Este ponto é bastante crítico, considerando que jovens dessa idade costumam supervalorizar a prática e o imediatismo daquilo que é aprendido. Isso quer dizer que é muito provável que não percebam o que o domínio da língua pode proporcionar à vida das pessoas, e que importância o português culto ocupa na sociedade em geral, abrindo portas em todos os setores, influenciando, inclusive, as relações sociais. Tampouco entendem que, através do traquejo e da desenvoltura ao organizar pensamentos, ideais e sentimentos na fala e na escrita, possam atingir seus objetivos mais eficaz e rapidamente. Nesse caso, não se está falando da norma culta³ da língua portuguesa, mas, sim, da boa comunicação⁴, mesmo que não se apresente um português normativamente perfeito.

“Aprender uma língua, seja materna, seja estrangeira, é aprender a relacionar-se com o outro a fim de compartilhar com ele um universo de referências. A atividade intelectual de que depende a interação humana por meio da palavra é universal na espécie e obedece a processos independentes desta ou daquela língua”. (AZEREDO, 2007, p. 33)

O objetivo fundamental do ensino/aprendizagem de língua mencionado por Azeredo deveria parecer óbvio, mas, infelizmente, esse conceito não é aquele

³ Segundo Faraco (2008, p.56) : “(...) a expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística prática, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de monitoramento), por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita.”

⁴ Por “boa comunicação” se pressupõe variante adequada às circunstâncias. Saber escolher corretamente é indício de sujeito escolarizado, além de levar à obtenção dos objetivos pretendidos.

escolhido e enfatizado pela escola, que historicamente se adequou a moldes conservadores e elitistas. Distante da realidade da enorme maioria dos estudantes do Brasil, a perspectiva tradicional de ensino tornou-se desinteressante e prejudicial.

“O ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se a regras de gramática normativa que são estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Tais regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas “corretas” e “boas” a serem imitadas na expressão do pensamento”. (TRAVAGLIA, 1996, p. 101)

A forma que a Língua Portuguesa é apresentada não aproxima de maneira alguma o objeto de estudo e os alunos. Ao contrário, impõe uma barreira demasiadamente dura a ser superada. É preciso tomar uma direção contrária ao que está sendo feito em numerosas salas de aula, é preciso optar por métodos que aproximem o conteúdo a ser aprendido à realidade dos jovens. Gramática normativa nua e crua jamais desempenhará esse papel. Além de trazer a Língua Portuguesa para a realidade dos alunos, é fundamental mostrar-lhes os benefícios de aprender aquilo que será indispensável na vida em sociedade.

Por não visualizarem a possibilidade de ascensão social, os alunos da rede pública de ensino não veem sentido em aprender a norma culta da língua, já que o Português popular que praticam é suficiente para a convivência no seu meio social. Entretanto, quando na presença de pessoas cultas, se envergonham do português que apresentam e tentam disfarçá-lo, evidenciando a forte pressão exercida por conceitos de linguagem na mídia e dentro da escola, valorizando exclusivamente a variação culta da língua, muitas vezes pedante. Nesses momentos utilizam a hipercorreção, que os leva ao ridículo.

Quanto à leitura e à produção textual, as opiniões dos estudantes não são mais animadoras. Em geral, caracterizam a leitura como entediante e desinteressante, algo que jamais fariam por prazer ou “hobby”. Quanto à produção textual, se julgam incapazes de produzir textos, sem sequer saber de que forma iniciar a produção. Diante disto, não praticam a leitura fora da escola de maneira alguma, e a produção textual se resume a bilhetes ou a “cópia” do gênero apresentado no livro didático como modelo. Um coro de “Não!!!” se ouve na maioria das vezes em que o professor propõe escrever.

Os professores, por sua vez, não apresentam uma visão muito motivada a respeito de seu trabalho e de sua rotina. Costumam se mostrar bastante desmotivados, descrentes e cansados do ofício que desempenham. Se questionados, descrevem, normalmente, práticas que não ocorrem em sala de aula. O que se vê, na maioria dos casos, é a falta da busca de soluções para o desinteresse por parte dos alunos, da busca de métodos mais eficazes para o problema desse comportamento dos jovens com relação à LP e, em geral, com relação às demais disciplinas. Esse último problema mencionado é a principal justificativa dos professores quando questionados acerca do insucesso na completude e da eficácia dos conteúdos a serem estudados ao longo do período letivo, do real conhecimento adquirido pelos estudantes e do desempenho individual dos alunos. Apesar disso, é justo mencionar o número expressivo de professores que se preocupam com o fracasso do ensino, querem melhorar, mas não sabem como, devido à má formação profissional que tiveram nas faculdades freqüentadas e na falta de tempo e condições econômicas para despender em atualização.

A triste realidade é que a grande parte dos professores, de todas as matérias, não só de LP, demonstram total desmotivação (causada também pelos baixos salários e péssimas condições de trabalho), exercendo sua função da forma minimamente trabalhosa, adotando uma postura comodista, que prioriza sua tranquilidade em vez da necessidade especial de cada aluno. A verdade é que, para se atingirem resultados satisfatórios, é necessário dedicar muito trabalho, atenção, atendimento individual, esforço, conhecimento e criatividade para driblar as dificuldades, despertar o interesse da turma para o conhecimento a ser adquirido e, principalmente, encontrar maneiras de fazê-la aprender verdadeiramente. Todos os itens elencados são sinônimo de grande desgaste físico e mental, além da falta considerável de tempo para o trabalho complementar fora da escola – isso sem contar as duas, três ou até quatro escolas onde o professor é obrigado a trabalhar para sobreviver de forma minimamente significativa - o que também diminui o tempo de lazer disponível dos profissionais da área.

Somado a isso tudo, percebe-se a falta de preparo dos profissionais do mercado acerca da real função do professor e do real papel que a LP deve tomar no âmbito educacional. Permanecem desconhecidas as formas eficazes de utilização das ferramentas disponíveis (textos a serem lidos - e escritos -, cursos de atualização e de informática, leitura de revistas especializadas, discussões sobre

assuntos em pauta, seminários, etc.). As ferramentas de que dispõem costumam ser utilizadas de forma assistemática, sem atrativos, sem a contribuição significativa da opinião de professores mais experientes, nem dos alunos que a experimentaram.

Ao unirmos a realidade dos professores ao ponto de vista dos alunos, visualizamos um cenário caótico. O problema a ser resolvido, em grande parte⁵, está na forma com que os professores estão lidando com a LP. Na tentativa de tornar o sistema mais prático, perderam-se os principais objetivos do ofício, uma vez que não se tomam providências frente à constatação da ineficiência das aulas e conteúdos abordados. É importante lembrar que, além da parte do conhecimento, o professor (não só de LP) deve procurar ouvir o que os jovens têm a dizer, o que sentem, o que pensam, etc., para poder construir, com a participação de cada um, uma geração com bom senso moral, com conduta construtiva, com sentimentos positivos. A indiferença e o desinteresse pelo outro é algo demasiadamente marcante na sociedade brasileira da atualidade. Hoje há uma tendência à massificação e à padronização de tudo, em todas as profissões, principalmente na esfera pública. Na área médica, por exemplo, é difícil se encontrar o médico tradicional de outros tempos, que costumava se envolver com o paciente, disponibilizando um atendimento mais longo, frequente e atencioso a cada indivíduo. O que encontramos hoje são profissionais que disponibilizam um atendimento rápido, padronizado e desinteressado.

Em todos os serviços do cotidiano das pessoas, o sistema segue o mesmo princípio: existe o procedimento padrão na maior parte das vezes. Aqueles que desejarem um tratamento individual e especializado devem pagar à parte por isso. Há casos em que, mesmo pagando, o serviço é precário, ou por desinteresse, ou por falta de preparo. Esse quadro é costumeiro nos serviços de engenharia, de odontologia, de organização de eventos, de companhias telefônicas, de consultoria financeira, de advocacia, de companhias aéreas e de tantos outros inumeráveis neste espaço. Na realidade do professor, a transformação não aconteceu diferente: o atendimento especial e a atenção individual tornaram-se raros e, por isso, motivo de nostalgia de um passado nem tão distante. Para se obter atenção especial, é preciso contratar um(a) professor(a) particular, o que não é uma opção para todos os alunos, especialmente em se tratando de alunos da rede pública, tendo em vista

⁵ Não estamos esquecendo aqui os grandes problemas sociais e econômicos que assolam o mundo.

o custo empregado nesse tipo de serviço, o que, mesmo assim, não garante qualidade. Considerando essa realidade, resta aos alunos e aos professores continuarem inseridos nesse contexto de desmotivação e limitação cultural.

O maior problema gerado por todo o contexto descrito é uma sociedade carente de bons cidadãos, de indivíduos dotados de espírito crítico, que tenham condições de analisar situações, julgá-las como certas ou erradas, morais, imorais ou amorais, justas ou não. O ensino defasado reflete em todo o contexto social e político, não trata-se apenas de aprender conteúdos específicos, trata-se da formação de indivíduos que representarão a maior parte da população adulta do país no futuro. Não é à toa que a sociedade atual tem apresentado tantos problemas, que tem nos levado à beira do caos em todas as áreas. O que está deficitário é o nível cultural de nosso povo. Nenhum critério poderá ser devidamente avaliado sem condições culturais. Se, em algum dia, o ensino foi planejado dessa forma para controlar o povo, tirando-lhe as condições básicas para a formação, argumentação e defesa de suas ideias, hoje é possível transformar essa realidade.

3 ATUAIS VERTENTES METODOLÓGICAS

Apesar deste quadro desmotivador e crítico, há profissionais da área engajados em encontrar soluções, estudando as falhas criteriosamente, procurando inspirações teóricas e práticas, na tentativa de encontrar uma esperança para o ensino de LP. Dentro desse grupo de profissionais na busca de mudanças efetivas na realidade da licenciatura, há duas fortes vertentes: aqueles apoiados na gramática (a volta aos “velhos tempos”), ou seja, que veem nos exercícios e nas práticas gramaticais a solução para o ensino do Português, pois julgam este ser o principal e verdadeiro objetivo em se estudar a LP; e aqueles que acreditam que o texto seja a única ferramenta adequada e o objetivo final do ensino e aprendizagem da língua, desconsiderando o ensino direto das regras gramaticais.

O primeiro grupo é caracterizado pela conduta tradicional, em que são enfatizados exercícios gramaticais, cobrando nomenclaturas, conceitos de sintaxe, e aspectos dessa natureza, sem contextualizá-los e apresentá-los dentro de um universo não fictício. Dessa forma, acreditam estar preparando os alunos para a realidade brasileira, visualizando as necessidades futuras na vida de cada um, como o concurso vestibular, como concursos públicos que têm como base conceitos teóricos das matérias abordadas. Isso não significa que essa linha de professores não proponha leitura de textos em aula, ou exercícios de interpretação, mas não são estabelecidas relações entre um assunto e outro, de forma que o texto é utilizado somente para aula de interpretação e leitura.

Do outro lado, temos a linha de professores, comumente universitários, que valorizam o texto de forma mais incisiva, utilizando-o como potente e valorosa ferramenta e objetivo verdadeiro do ensino de LP. Para os mais radicais, os exercícios puramente gramaticais não devem ser praticados em aula, já que só o texto, segundo eles, dá condições ao aluno de internalizar naturalmente as regras através das leituras e da gradual familiarização com o universo letrado.

Acredito no meio termo entre as duas posturas. De um lado, julgo importante haver o processo teórico de ensino, em que são apresentadas aos alunos as regras gramaticais e suas nomenclaturas, mas também acredito na força do texto, elegendo-o como principal ferramenta de trabalho e grande objetivo na caminhada dos estudantes. Na verdade, não creio que simplesmente apresentar os textos e trabalhá-los em sala de aula resulte em um aprendizado completo e absolutamente

eficaz, já que há a necessidade de haver uma reflexão sobre o uso da língua, para que os alunos possam estar conscientes das inúmeras opções que nossa língua materna oferece, reconhecê-las nos textos e utilizá-las de acordo com seus objetivos. Além disso, é necessário que o aluno tenha contato com os termos teóricos da LP, pois poderão ser cobrados em curto/médio prazo, em concursos mais tradicionais.

Essa é outra realidade concreta da nossa sociedade. Apesar de haver um movimento contrário à linha gramatical nos concursos públicos, ainda há uma ocorrência forte de cobrança acerca destes aspectos de nossa língua em prova desse tipo. Não seria justo privarmos os jovens dessas informações que tanto podem servir no futuro. Isso não quer dizer que tais termos gramaticais sejam o foco do estudo e que a cobrança sobre esse aspecto seja severa em sala de aula. Mas se faz fundamental o contato com esse plano da matéria, para que o estudo seja completo e facilitado no estágio de análise e reconhecimento nos textos trabalhados em sala de aula, nas obras literárias⁶, nos jornais, nas revistas, etc.

O contato com o texto é construtivo desde o primeiro dia de aula. Certamente todos aprenderão a escrever, constatando que há um código escrito⁷ comum que deverá ser aprendido e, através do contato constante com este código, a aprendizagem se dará mais fácil e rapidamente. O mesmo acontece com todos os gêneros textuais: é muito saudável a convivência com obras diversas, diariamente, se possível for. Através desse companheirismo, a língua portuguesa e a literatura se transformarão em objetos familiares, facilitando a compreensão do assunto e a intimidade com a língua escrita. Em alguns casos, se poderá descobrir uma relação de lazer, de identidade, o que é altamente desejável.

Em termos de prática em sala de aula, o uso do texto como ferramenta traz resultados que ultrapassam os objetivos básicos do estudo de LP. É através dele que se exercita a organização de raciocínio, os exercícios de articulação e encadeamento de ideias, possibilitando a capacidade de expressão, portanto a lógica de argumentação, do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade. É através dele que damos voz ao aluno, que o ensinamos a externar aquilo que pensa, sente, sonha, etc. Essa desenvoltura trará efeitos nos mais diversos setores da vida

⁶ É importante salientar que não se deve usar o texto como pretexto para estudos gramaticais. O texto deve ser objeto de leitura, principalmente a obra literária. Trata-se, sim, de perceber o processo de textualização.

⁷ Lembrar sempre que língua não é código. A referência a código somente se justifica na escrita (alfabeto), código criado intencionalmente pelos homens.

de qualquer pessoa e da própria nação. Poucas aptidões talvez sejam mais importantes do que o saber se expressar, argumentar e demonstrar aquilo que se deseja e pensa. Esse aprendizado trará frutos para a vida profissional, pessoal, amorosa, familiar, enfim, em todos os âmbitos da vida do indivíduo. Essa é a beleza maior do ensino de LP, porque, afinal, alunos de nacionalidade brasileira já conhecem a língua e praticam a modalidade oral diariamente. Necessitam aprender, na verdade, as variantes da língua portuguesa, as ocasiões adequadas a serem utilizadas e, acima de tudo, se fazer entender e alcançar seus objetivos, dominando as formas de expressão para uma eficiente interação e efetiva cidadania. Dessa forma, o papel do professor de LP atinge uma relevância muito mais significativa, pois sua função é **ajudar a viver melhor**, o que deveria ser o principal objetivo de qualquer professor, de qualquer área, ensinando os meios para o aluno alcançar uma vida adulta plena e feliz, além de possibilitar a formação de cidadãos plenos.

Esse é o primeiro objetivo do ensino de língua materna enumerado por Travaglia:

“(...) propomos que o ensino de Língua Materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação”. (TRAVAGLIA, 1996, p.17)

Há, além da questão do uso do texto escrito, outro ponto polêmico nas metodologias encontradas hoje nas escolas brasileiras: aqueles que entendem que as aulas de LP têm por objetivo exclusivo ensinar a norma culta da língua, por considerar inadequado trabalhar variações da língua em sala de aula que não seja essa, uma vez que consideram todas as outras variantes como “erradas”, e por acreditar que os falantes nativos já dominem as outras variações linguísticas, sem qualquer necessidade de incentivá-las. Mas há também aqueles que acreditam na importância das variantes linguísticas, considerando fundamental trabalhá-las em classe, no intuito de mostrar aos alunos que a língua possui diversas formas e que não é errado utilizar as variações não-cultas da língua, desde que na situação e no local adequados.

“(...) se se acredita que em diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há por que, ao realizar

as atividades de ensino/aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta, discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações”. (TAVAGLIA, 1996, p. 41)

Não há dúvidas de que as variantes são tão importantes quanto a norma culta de nossa língua materna, basta observarmos com mais atenção as atividades de nosso cotidiano. Nos momentos em que necessitamos ser formais, em que devemos seguir protocolos, é de fundamental importância que se utilize a linguagem gramaticalmente culta do português. Por outro lado, nas situações triviais do dia-a-dia, em que encontramos amigos em momentos de descontração, em que conversamos com pessoas espontaneamente, devemos utilizar uma versão coloquial da língua, para que possa se dar a interação, que é (muitos esquecem disso) o objetivo principal da existência de uma língua, qualquer que seja ela. Portanto, se utilizarmos uma linguagem rebuscada em todas as atividades do dia-a-dia, provavelmente não atingiremos metade de nossos propósitos, pois poucos irão nos aceitar e/ou compreender. Na situação entre amigos, dependendo do perfil e da idade das pessoas envolvidas, seremos inconvenientes e ridículos ao utilizar uma linguagem que não é adequada ao momento.

Na verdade, a língua muito tem a ver com a roupa: deve ser utilizada de acordo com a situação. Esses valores devem ser passados aos alunos que cresceram com a ideia de que sempre falaram “errado”, muitas vezes se envergonhando disso. Devem ser exercitadas em sala de aula as diversas formas de se expressar, objetivando a interação, já que a língua é uma ferramenta poderosa a se trabalhar para atingir as metas de nossa vida. É importante sabermos adequar a fala, não somente à situação, como ao tipo de ouvinte⁸. Habilidoso e sábio é aquele que se faz entender pelo maior tipo de pessoas, cativando-as. Tratam-se também de valores de vida. Ao ser abordado por uma pessoa de nível social alto, o indivíduo de nível social baixo se sentirá mais à vontade de se expressar se identificar no primeiro falante velhas expressões conhecidas. Se a expressão não for compatível, há forte risco de afastamento, falta de cooperação, ausência de entendimento. A recíproca também é verdadeira: no caso contrário, em que o indivíduo socialmente

⁸ Por isso é interessante fazer os alunos praticarem as diversas versões de um mesmo texto em diferentes situações e para diferentes interlocutores.

mais humilde aborda o socialmente mais privilegiado, deverá adequar sua linguagem à possível realidade de seu interlocutor para obter uma receptividade maior e se fazer entender. Bons políticos e bons conquistadores amorosos normalmente demonstram grande habilidade nesse sentido.

Em sala de aula, esses valores não são passados, inibindo as habilidades dos alunos, na tentativa de convencê-los de que a norma culta da língua é a única aceita, privando o aluno desse conhecimento, muito requisitado na caminhada da vida e na construção da cidadania.

3.1 O livro didático

O recurso mais utilizado em sala de aula costuma ser o livro didático (LD). Essa é uma das formas mais eficientes de transformar o ensino em algo repetitivo e, por isso, monótono. De maneira geral, o comportamento dos professores diante dessa ferramenta costuma ser bastante similar: é copiada a teoria no quadro, fazendo breve explicação, para logo em seguida passar para os exercícios propostos pelo LD referente à matéria em pauta. Outros, ainda, sequer explicam a matéria a ser ensinada, solicitando, apenas, que a turma leia o conteúdo no livro e faça os exercícios, “da página tal à página tal”. Muitas vezes, não os corrigem, passando para outra matéria ou atividade, já que consideraram a matéria “dada”.

A conduta pouco construtiva por parte dos professores diante dessa ferramenta ainda se agrava ao considerarmos o perfil de atividades que o LD apresenta, ficando clara a necessidade de material complementar. Ao observarmos as propostas de interpretação desses livros⁹, fica evidente a estratégia equivocada e nada construtiva no ensino de leitura e de língua portuguesa de maneira geral¹⁰. Na maior parte das edições, o ensino de gramática é totalmente desvinculado da interpretação de texto, usando textos como exemplo de ocorrências gramaticais, sem aproveitá-los para propor um momento de reflexão acerca dos valores inseridos no contexto.

Nas raras perguntas de “interpretação” de texto, estão previamente estipuladas respostas exatas para as questões propostas. Dessa forma, o aluno se

⁹ Buscam apenas a compreensão e não a interpretação, em geral. Tanto é que já oferecem para o professor a resposta pronta e “correta”.

¹⁰ É importante mencionar que já existem alguns poucos LD bem elaborados.

condiciona a tentar adivinhar o que é esperado pelo professor, sem exercitar uma interpretação própria, impedindo o estímulo para o exercício do raciocínio, incentivando a aceitação de respostas sem reflexão, como se os textos fossem fechados, ou seja, constituídos de um só sentido e de uma única interpretação. É esse o funcionamento estimulado nas escolas acerca do texto, tornando a atividade de interpretação e aprendizagem de língua materna em uma espécie de adivinhação, buscando respostas rápidas e superficiais, perfil cobrado pelos livros didáticos e pelos professores em geral, quando não deixando ao aluno apenas o “trabalho” de fazer uma cruzinha em uma das opções apresentadas.

“O conteúdo e a sequência que esses livros apresentam deixam-nos entrever a concepção de leitura que está na base desse trabalho. Entende-se que é necessário garantir, primeiramente, a compreensão dos fatos apresentados no texto. Entretanto, as questões que conduzem o aluno a essa compreensão são fruto de *uma* interpretação - a do autor do LD -, interpretação concretizada na própria maneira de se formularem as perguntas e na priorização por determinados fatos que serão objeto das questões”. (GRIGOLETTO, 1999, p.70)

Esse processo tem como consequência alguns aspectos preocupantes, como o caráter homogeneizante com que os alunos são treinados a pensar da mesma forma, a buscar apresentar o mesmo raciocínio para encontrar as mesmas respostas, de maneira a fazer o LD parecer um manual, e não um livro com o propósito de ensinar, no sentido construtivo do conceito, ou seja, ensinar a pensar. Esse é um modelo de ensino que é herança de governos ditatoriais do país, o qual se mantém como prática até a atualidade, e, portanto, não é ao acaso que se venha obtendo um resultado massificador, que desestimula a questionar conceitos e ideias tidas como única verdade. Portanto, a prática pedagógica possui forte caráter político, fato que não pode ser ignorado, ao analisarmos todo o crítico contexto em que se encontra a educação no Brasil.

Além disso, esses livros costumam apresentar, ao longo das unidades, a mesma estrutura de apresentação de conteúdos, de forma, também, a condicionar o aluno a uma padronização. As questões são abordadas de maneira tão sistematizada que o aluno já prevê a provável resposta, certamente aprovada, não só pelo livro, mas também pelo professor. Todo esse padrão de ensino compromete

o desenvolvimento saudável do indivíduo, que passa a não procurar respostas mais densas e complexas, prejudicando a capacidade de visão, tanto em questões referentes ao texto e à gramática, como à vida.

“A estrutura cristalizada do livro didático contribui para corroborá-lo como um discurso de verdade, revela seu caráter massificante, ao negar espaço para a individualidade do aluno, abafando a expressão de voz de cada um”. (GRIGOLETTO, 1999, p.69)

Seguindo a lógica de todo o processo de ensino nos moldes de grande parte dos LD, está a posição adotada pelos professores diante do instrumento. Ao invés de utilizarem o livro apenas como complemento para a aula¹¹, onde podem encontrar textos a serem abordados em aula e questões a serem aproveitadas no ensino da gramática, os professores normalmente se restringem ao conteúdo e à sequência do manual, sem procurar acrescentar complementos, como discussões, reflexões, exercícios novos, buscando a construção conjunta do conhecimento. Além disso, o acréscimo de textos de jornais, de revistas, de programas de rádio e televisão, de MPB, de correspondência familiar, de cartazes de rua, de obras literárias e outros é absolutamente fundamental. Como prática, a maioria dos professores se limita às respostas apresentadas pelo autor, determinando-as como única possível, sem abrir o leque às outras inúmeras possibilidades, muitas vezes apresentadas pelos próprios alunos. Isso se deve à posição assumida pelo professor diante do material: ele se comporta como um seguidor do livro, e não como um profissional crítico, envolvido com o que está sendo apresentado a ponto de fazer intervenções e questionamentos. Esse é um quadro constatado especialmente em livros que trazem respostas na versão do livro do professor, já induzindo ao sentido fechado, não permitindo interpretações diversas. Diante das condições estabelecidas, o professor, por sua vez, sente-se inseguro em não acatar as instruções do manual. O professor deveria se portar de maneira justamente inversa, já que ele, na posição de educador, deveria ser o principal analista e avaliador do LD, cabendo a ele questionar a forma de abordagem dos assuntos a serem estudados e filtrar aquilo que é e o que não é aplicável e pertinente.

¹¹ O LD ainda é utilizado para cobrir a carência econômica de alunos e professores.

A postura que deveria ser assumida por ele seria a de não permitir que o texto seja visto como um sentido fechado, a ponto de inibir outras possíveis respostas dos alunos, resultado de diferentes experiências de vida reunidas em grupos tão numerosos. Entretanto, é preciso que o aluno saiba justificar sua resposta, pois não deve ser aceita qualquer possibilidade, já que é necessário que se apresente um raciocínio coerente com as possibilidades que o texto oferece. É natural que surjam interpretações diversas e que se levantem possibilidades incrivelmente distintas, já que os sentidos são formados de acordo com os referenciais de cada indivíduo, consultando o conhecimento prévio oriundo das experiências individuais de cada aluno. É por isso que, a cada abordagem, esquemas diferentes de associação são acionados.

Mais uma vez, o procedimento sugerido é muito mais trabalhoso e cansativo do que a sistemática usual sugerida pelo LD, tanto para o aluno quanto para o professor, mas toda a transformação que se faz necessária para a mudança do quadro ensino/ aprendizagem de LP no Brasil exigirá muita disposição e energia, especialmente por parte dos professores, encarregados de mudar a situação caótica atual. Será preciso abrir mão da zona de conforto para atingir resultados realmente satisfatórios, tanto na questão da utilização do LD quanto em todos os outros aspectos e usos de ferramentas para um ensino eficaz de língua materna. É importante salientar que a mudança de atitude acarretará maior prazer e satisfação a todos envolvidos no processo.

No capítulo seguinte, apresentarei algumas reflexões sobre a importância da prática ler/escrever, pois, como preconizava Paulo Freire (1987, p. 11-21): “A prática de ler e escrever são indicotomizáveis”.

4 O TEXTO COMO PONTO DE PARTIDA E PONTO DE CHEGADA NO ENSINO DE LÍNGUA

Ler e escrever são práticas que deveriam estar presentes na vida de todas as pessoas, brasileiras ou de qualquer nacionalidade, tendo em vista a riqueza contida nessas duas práticas complementares. Elas servem de trampolim para o desenvolvimento cultural, profissional e pessoal de cada indivíduo, contribuindo para o crescimento geral de um povo. No presente capítulo, serão apresentados, alguns aspectos importantes das duas aptidões. Tais temas mereceriam um trabalho exclusivamente direcionado a cada um deles, mas serão aqui tratados rapidamente, tendo em vista o objetivo geral deste trabalho.

4.1 Ler

Ler é uma prática indispensável à formação intelectual de um indivíduo. A leitura é insubstituível no processo de evolução individual em termos culturais, sociais, linguísticos, e sobretudo de autoestima. Desde muito jovens, muitos tiveram contato com as letras, o que, na infância, despertou a curiosidade do significado das palavras escritas, instigando a vontade de aprender a ler. Esse foi o princípio de uma história que nem sempre tem um final feliz. É uma pena que essa inicial curiosidade não se mantêm vida afora, para estimular a sequência de leituras que deveria ser feita por todos os cidadãos, pois é através dela que podemos mudar o cenário sociocultural de um país tão rico e paradoxalmente tão pobre como o Brasil. A leitura é a base da transformação dos cidadãos, que, fortes culturalmente, passariam a exercer seus direitos, teriam condições de mudar essa abismo social brasileiro.

Essa curiosidade e interesse são assassinados pela escola, que, com raras exceções, através de suas práticas monótonas e/ou aterrorizantes, liquidam, às vezes para sempre, as possibilidades de os brasileiros se tornarem leitores para a vida toda.

Tendo em vista os inúmeros benefícios da leitura, deveriam ser encontradas formas de tratar o tema nas escolas de forma a cativar o aluno para essa prática. A partir do hábito da leitura, se desenvolvem aptidões a serem aplicadas em outras

atividades das aulas de LP e em todas as outras matérias. Além disso, o indivíduo que lê torna-se, cada vez mais, um ser pensante e capaz de entender melhor seus semelhantes e o mundo que o cerca, tornando-se apto a propor mudanças. No momento em que o aluno cria o costume de ler sistematicamente, ele atingirá, de forma natural, grande evolução na ortografia, na regência, na concordância e no conhecimento vocabular, já que é através da leitura que aprendemos o significado de muitas palavras pouco utilizadas na oralidade. Esse conhecimento se adquire de forma mais lenta e com maior grau de dificuldade no caso da ausência desse contato. Além do progresso linguístico, também a cultura geral do aluno será enriquecida, através de ricas e diversas leituras que fará ao longo da vida.

Além de todos os pontos positivos já elencados, há ainda a contribuição para a formação dos aspectos pessoal e psicológico que a leitura proporciona. O aluno que lê adota uma postura diferenciada na vida, em decorrência da cultura adquirida nas leituras, resultando em uma visão mais ampla e rica das situações que se constituem ao longo de suas experiências. A leitura tem o poder de formar opiniões, de provocar o questionamento às ideias previamente estabelecidas ou de vanguarda, de dar oportunidade ao entendimento de velhos sentimentos. Isso se dá a partir dos mais diversos tipos de literatura, seja um romance ou um artigo científico que abordem o assunto em questão. Muitos acreditam que os dois aspectos, pessoal e psicológico, não estão ligados aos bons resultados do ensino/aprendizagem. Entretanto, para o bom funcionamento do ambiente de sala de aula, é preciso que seja proposto cultivar, dentro do possível, ao longo dos anos, alunos formados por boa base cultural e bem resolvidos psicologicamente, para que haja tranquilidade, equilíbrio e maturidade, condições que contribuem diretamente com a aprendizagem e a cooperação nas aulas, além de contribuírem para o avanço da sociedade. Apesar disso, é natural que tal tranquilidade e equilíbrio não sejam atingidos na integralidade já que a situação social do país não é digna para todos, especialmente da maior parte dos alunos da rede pública de ensino. Para que conseguíssemos, de fato, cultivar um ambiente de aula pautado pela absoluta tranquilidade, seria necessário modificar a realidade social desde país, pois só assim cada aluno estaria inteiro em sala de aula, disposto a aprender, sem pensar nas dificuldades de sua casa, em seu trabalho para ajudar a sustentar a família, etc.

Diante de quadro tão desanimador, é natural que a numerosa maioria da população brasileira não considere a leitura um exercício agradável e prazeroso. Em

meio ao nosso povo, ter o hábito da leitura é uma característica extremamente elitista, exclusiva de “pessoas que gostam de estudar”. Parte desse desinteresse e pouco prazer ligados à ideia de leitura em nosso país, como já foi dito, está ligado à maneira com que ela é tratada e estimulada nas escolas¹². Diferentemente da fase dos estudos universitários, a fase escolar é um momento que deveria ser tratado com mais cuidado nesse campo, afinal, é nesse processo que se dará o tom da relação do estudante com a leitura para o resto de sua vida. É através das experiências escolares que o aluno tomará gosto pela atividade ou terá repulsa pelos livros. E é justamente nesse período que estamos pecando, a meu ver, ao tratar de assunto tão delicado.

Ao longo do período escolar, essa relação é pouco preservada, já que são impostas leituras aos alunos constantemente, sem proporcionar um momento de escolha, em que eles possam escolher a leitura que os atraia. A leitura não é, em momento algum, associada à ideia de prazer, de lazer. Ela é cultivada no papel exclusivo da obrigação, de algo penoso a se fazer.

Há certas obras que não devem ser dispensadas no currículo escolar, leituras normalmente abominadas pela maioria dos estudantes. Mas por que essas leituras são tão dolorosas aos estudantes a ponto de serem consideradas uma espécie de castigo? Porque talvez eles não tenham sido preparados para a leitura de obras dessa natureza. Assim como o estudo da matemática, da geografia, das ciências ou de qualquer outra matéria, a leitura deve ser desenvolvida de forma gradual, em um movimento crescente. Infelizmente isso não ocorre. Em grande parte das escolas brasileiras, e aqui também incluo as escolas particulares, a leitura é exigida sem coerência com a idade e com o conhecimento dos alunos. De uma hora para outra, são exigidas leituras complexas e longas, o que desmotiva o aluno, que se julga incapaz de vencer tamanha demanda. A partir daí, pode se criar um bloqueio entre aluno e leitura.

Uma forma de estabelecer laços de “amizade” entre o aluno e o livro é criar e cultivar um rótulo de lazer ligado à ideia de leitura. O ideal é que se crie um momento da semana ou do mês no cronograma escolar para comparecer à biblioteca com a turma de aula completa para que cada aluno procure um livro que lhe agrade, seja ele longo ou curto, científico ou de ficção. Assim, teriam a

¹² O preço dos livros no Brasil, sem dúvida, é um fator desestimulador.

oportunidade de serem atraídos por aquilo que lhes interessa, começando a criar laços de convívio com o livro. Ainda nessa oportunidade, os alunos poderiam aprender a procurar livros nas prateleiras das bibliotecas, outra barreira existente entre aluno/livro. De maneira geral, eles consideram complicado encontrar os livros desejados nas bibliotecas, diante de tantas estantes e numerações. Ao ser uma dificuldade solucionada pela própria professora e pela bibliotecária, seria um convite a mais a visitar as bibliotecas e criar um clima de intimidade entre aluno e livro.

Após a leitura do livro escolhido, o aluno deveria ser levado a falar sobre o assunto, fazendo um breve resumo, talvez a buscar outras informações em outras fontes, a criticá-lo, aconselhando ou não sua leitura pelos colegas.

Provavelmente escolheriam os livros que representassem algo referente às suas vivências, portanto algo que seja próximo à sua realidade, de mundo e de língua. Segundo Freire (1987, p.11), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Essa afirmação é riquíssima e vem reforçar tudo o que está sendo discutido ao longo desse trabalho. A criança ou o adolescente só conseguirá assimilar aquilo que possui algum significado relacionado às suas experiências de vida, que faça parte de seu mundo imediato, portanto aquilo que não pertencer ao mundo do aluno não fará sentido em um primeiro momento. Não há como separar a leitura do mundo da leitura da palavra. Além disso, cada aluno acionará esquemas diferentes em suas mentes a cada leitura, porque cada um relacionará o assunto abordado com suas experiências pessoais. Como cada aluno tem uma história de vida diferente, suas interpretações também serão diversas.

4.2 Escrever

Escrever foi para todos nós, durante a infância, e é para muitos, infelizmente, pela vida afora, outro mistério a ser solucionado. Era realmente fascinante testemunhar um adulto preencher tão rapidamente uma folha de cheque ou escrever despretenciosamente qualquer texto. A dúvida que angustiava a muitos era: “Será que um dia serei capaz de escrever?”, já que a língua parecia um código composto por tão diversificado alfabeto e dotada de considerável complexidade. Na verdade, aprender o código foi a tarefa mais simples do processo de aprender a escrever, pois em seguida descobrimos que escrever é muito mais do que reproduzir combinações corretas de letras do alfabeto da língua portuguesa.

Escrever é um exercício claramente ligado à leitura. A leitura é um dos fortes fatores que oferecem condições para uma boa desenvoltura nas produções textuais de qualquer natureza. É através dela que enriquecemos nosso vocabulário, que temos a oportunidade de observar diferentes maneiras de escrever bons textos de maneira a nos fazermos entender e interessar nossos leitores. Assim como a leitura, o ato de escrever oferece muitos benefícios e aprendizados. É através da escrita que colocamos em prática todo o vocabulário internalizado através das leituras e das experiências de vida. No momento adequado à produção é que são testadas as aplicações das palavras previamente conhecidas nos contextos necessários.

Não só o vocabulário, mas outros conhecimentos são colocados em prática nesse processo. É nesse momento em que são exercitados o poder de articulação e encadeamento de idéias, pois é nesse momento que nos revelamos e ganhamos a possibilidade de influenciar outras pessoas que não estão próximas. O indivíduo que não possui o hábito da escrita apresenta maior dificuldade (também na oralidade), ao tentar expressar suas convicções e pontos de vista, pois, através dela, exercitamos a forma mais clara e organizada de expressar nossos pontos de vista, seguidos de argumentos, também de narrar uma história, etc. Na escola, o desenvolvimento dessas capacidades é fundamental para a continuidade da aprendizagem de forma geral. A partir do momento que o aluno se torna capaz de redigir textos bem organizados, claros e coerentes, todas as outras matérias são beneficiadas, pois a forma de expressão dos alunos em qualquer assunto será mais desenvolvida, facilitando as atividades que visam à aprendizagem.

Depois que o aluno atinge um estágio satisfatório na produção textual, é possível usar tal atividade com objetivos amplos e variados, uma vez que se pode estabelecer um canal de comunicação competente através da escrita. Pode-se, por exemplo, sondar a opinião dos alunos a respeito de assuntos éticos e morais, ou, ainda, da realidade familiar de cada um. Dessa forma, o perfil de cada aluno será montado, possibilitando a compreensão de características individuais, e, assim, adequando as atividades de aula à realidade da turma. A produção textual é uma porta valiosa de expressão e comunicação do aluno/professor e deve ser cultivada. Assuntos que seriam evitados na oralidade se revelam na escrita, dando a oportunidade ao professor de conhecer seus alunos mais profundamente.

Mas não é somente a personalidade que é evidenciada nos textos, também todas as dificuldades encontradas pelos alunos na escrita da variante culta da língua

portuguesa. No texto, todos os assuntos a serem revisados ou novamente trabalhados em aula (dependendo do nível da dificuldade da turma diante do tema) ficam explícitos, dando ao professor a oportunidade de diagnosticar as necessidades da turma e planejar de forma mais adequada as atividades a serem desenvolvidas.

A prática da escrita também oportuniza o processo criativo, em que o aluno tem a chance de exercitar sua imaginação, capacidade e aptidão importantes a serem desenvolvidas na infância e na adolescência, sob o risco de ficarem abortadas pelo resto da vida. Nesse momento, serão postas em uso todas as ideias guardadas de experiências de vida e de leitura, podendo ser identificados os momentos de aula que tocaram os alunos, ou seja, que atingiram o objetivo.

O ato de escrever com competência é algo que deve ser trabalhado de maneira que todos os alunos possam ter condições a alcançar esse objetivo. Por ser uma aptidão necessária vida afora, é imprescindível que se aprenda a fazê-lo com desenvoltura, visando à interação de qualidade e à pertinente argumentação, pré-requisitos para a continuação do processo de aprendizagem e para a vida, enriquecendo as condições para exercer a efetiva cidadania.

Por tudo o que já foi dito sobre a prática de ler/escrever, reafirmo, desvestida da autoridade dos que já me precederam, o texto deve e precisa ser sempre o ponto de partida e de chegada das aulas de LP para que se possa formar verdadeiros cidadãos brasileiros.

No capítulo seguinte, listarei algumas possibilidades de apresentar a gramática de maneira interessante, interativa e construtiva, também através do texto. Algumas delas utilizei no meu estágio no Ensino Médio (Colégio Estadual Piratini, turno da tarde, turma 2TA, de 06/05/09 à 18/06/09), outras foram retiradas de diferentes autores preocupados com o assunto.

5 SUGESTÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo serão sugeridas atividades a serem desenvolvidas em sala de aula com o intuito de atingir os objetivos aqui propostos, ou seja, tornar o objeto de estudo palpável e próximo à realidade dos jovens, buscando meios de atraí-los à interação e ao aprendizado completo, além de almejar contemplar todas as necessidades dos alunos para realizar o que é demandado.

5.1 Produção textual – processo completo

Mesmo os alunos mais calados e pouco participativos deverão ter a oportunidade de se expressar e explicar ao professor aquilo que pensam e/ou não entendem.. Contudo, o trabalho de produção textual não se resume a determinar o tema e esperar que a turma produza excelentes obras, ricas em vocabulário, criatividade e maturidade linguística. O trabalho inicia muito antes e deve ser planejada uma série de atividades, anteriores ao momento de produção, para dar aos alunos condições de formar seu ponto de vista ou criar histórias criativas de forma madura e consistente, na tentativa de evitar textos vazios, lugar-comum, sem acrescentar coisa alguma de sua experiência.

É importante lembrar que a expressão de ideias e organização de raciocínio devem ser praticados também na oralidade, não só na escrita, em sala de aula, pois essa é uma habilidade tão importante quanto escrever, de uso constante no cotidiano de todos.

Sendo assim, é interessante e necessário que se crie uma atmosfera propícia ao tema que se deseje abordar. Isso pode ser feito de diversas formas. Pode ser solicitado aos alunos que façam uma pesquisa como tema de casa, que discutam o assunto em círculo durante a aula, que contem histórias sobre o assunto, que vejam um filme, que leiam um texto escolhido pelo professor que contribua com o tema debatido, que explicitem suas opiniões pessoais, ou ainda, que o professor fale um pouco sobre o assunto, traga figuras ilustrativas, músicas, ou então, convide alguém da escola ou de fora para fazê-lo. Se possível, é muito positivo que seja feita mais de uma ou todas as atividades citadas para amadurecer o ponto de vista de cada um, além de praticar a capacidade de expressão oral. Ao fazer a pesquisa em casa,

terão o primeiro contato com o assunto, já observando pontos de vista alheios e experiências de vida. Ao discutir o assunto em sala de aula, poderão saber a opinião dos colegas e analisarão diversos argumentos, podendo mudar de ideia quanto ao seu posicionamento; histórias pessoais também enriquecem o acervo de argumentos e despertam lembranças das experiências pessoais de cada aluno, possivelmente diferentes das dos colegas.

Através desse longo percurso de amadurecimento do assunto abordado, serão proporcionadas ao aluno condições de tomar uma posição diante do tema, se for uma argumentação, ou reunir elementos para criar uma história rica e interessante, no caso de uma narrativa. As descrições também podem passar pelo mesmo processo de criação, já que cada aluno pode ter pontos de vista diferentes dos demais colegas, principalmente se forem considerados aspectos objetivos e subjetivos. Esse processo que propicia o compartilhamento de experiências pessoais, a possibilidade de exposição das convicções individuais e a interação entre os colegas resulta em um sentimento positivo na autoestima dos jovens, que sentem espaço para expor suas ideias, e as veem valorizadas. Também aproveitam a oportunidade de debater eventualmente assuntos importantes, sobre os quais pouco têm chance de fazer no seu cotidiano e nos ambientes familiares da considerável maioria dos estudantes.

Contudo, é preciso considerar um detalhe que poderá ser determinante no sucesso das atividades encadeadas, com a produção textual como objetivo final: o tema. Para escolhê-lo, é indispensável considerar a idade, a realidade social, a realidade cultural e os interesses do grupo para se fazer uma escolha feliz do tema proposto. Um tema não condizente com a realidade da turma, que não desperte interesse e atenção, poderá comprometer a atividade desde o princípio até a conclusão.

Após a pesquisa do tema proposto por parte dos alunos, a exposição dos dados encontrados, o debate para exposição das ideias e das convicções individuais, se daria finalmente a chance para uma boa produção textual, momento este em que o aluno colocaria em palavras tudo aquilo que fora abordado nas diversas situações, mas filtrando o que lhe pareça importante, de maneira a definir seu ponto de vista, tendo informações concretas para embasar sua argumentação. No caso de uma narrativa, também terá material suficiente para criar a mais rica e criativa das histórias. Mesmo nos requisitos os quais a descrição exige, esse longo

processo é construtivo, já que podem ser trabalhadas as descrições objetiva e subjetiva, como mencionado anteriormente. Sendo assim, pode haver o debate sobre a forma com que cada aluno perceba o objeto, indivíduo ou assunto em questão, enriquecendo o prisma de cada um e possibilitando novos e diferentes pontos de vista trazidos pelos colegas à pauta.

Um exemplo para ilustrar esse longo percurso seria propor a uma turma de oitava série uma pesquisa sobre o aquecimento global como tarefa de casa. Este é um assunto muito abordado pela mídia na atualidade, sobre o qual os adolescentes devem ter boas noções e opiniões. Mesmo que não possuam um vasto repertório de conhecimentos nessa área, a pesquisa dará elementos para o início de uma reflexão a ser aprofundada a seguir. O próximo passo seria a apresentação dos dados reunidos por todos em um grande círculo formado em sala de aula. Dessa forma, seriam trocadas informações de fontes distintas, enriquecendo ainda mais o acervo individual dos estudantes. Na sequência das apresentações dos dados concretos pesquisados, seria aberto o momento para o debate dos pontos de vista de cada um. Trata-se de posicionar-se na defesa do ponto de vista escolhido: é a preocupação com o meio ambiente bem embasada e bem postada ou há um exagero sobre o assunto na mídia. Em qualquer dos casos, será exigida a justificativa com argumentos palpáveis e reais acerca da atual situação ecológica do planeta, os reais efeitos prejudiciais ao homem na Terra, a necessidade, ou não, de se tomar uma atitude no intuito de mudar o quadro atual, ou ainda, qual a atitude de cada país em particular. Nesse momento, as opiniões de todos seriam trazidas ao grande grupo, influenciando uns aos outros. Provavelmente se formariam dois grupos de alunos de opiniões antagônicas, aqueles que crêem na gravidade do problema e aqueles que acreditam em um grande exagero por parte da mídia. Ainda poderiam se dividir nas opiniões de soluções possíveis e mais eficientes, ou demonstrarem consenso sobre o assunto. Independente das posturas adotadas, todos os pontos de vista seriam respeitados (desde que não firam os valores humanos). Assim, todos estariam prontos e instigados a produzir um texto argumentativo para colocar, em palavras escritas, de forma organizada e bem encadeada, suas opiniões particulares, embasados por argumentos concretos.

Na correção, os alunos poderiam ler os textos de cada um em pequenos grupos. Após selecionariam um ou dois textos que considerariam os melhores, argumentativamente falando, e também os mais bem escritos, estes seriam lidos no

grande grupo. Como seguimento, o professor analisaria cada um dos mais bem escritos, destacando trechos mais significativos para identificar, junto com o grupo, as construções utilizadas, mostrando como o uso de palavras e/ou construções valorizou o texto. Nesse momento, a gramática da norma padrão escrita estaria em pauta, discutindo-se diferentes opções para um mesmo trecho ou frase.

Essa é uma metodologia para abordar gramática sem descaracterizar o objetivo maior de seu estudo – o texto.

5.2 Orações adjetivas

A gramática deve ser apresentada, sempre que possível, a partir de um texto, com o objetivo de mostrar o funcionamento da língua e deixar clara a teoria aplicada à prática, além de contextualizar o estudo proposto. A seguir, é sugerida uma atividade de sala de aula para o ensino de orações adjetivas.

Para a introdução do assunto a ser proposto, a turma deve ler um texto, do qual serão retiradas as frases utilizadas na explicação e nos exercícios do assunto. Após debate de interpretação e compreensão do texto apresentado, inicia-se a proposta de apresentação do conteúdo gramatical, sugerida por Favero.¹³

No quadro, em sala de aula, o professor deve demonstrar a tabela a seguir, com as frases do texto, solicitando primeiramente que observem o grupo nominal “o candidato vencedor desta eleição”¹⁴:

Casa1	Casa 2	Casa 3	Casa 4
1. O candidato vencedor desta eleição	fez	um discurso para seus correligionários	na sede do partido.
2. Todos	aplaudiram	o candidato vencedor desta eleição	-----
3. Alguns manifestantes	debocharam	o candidato vencedor desta eleição	em uma manifestação na rua.
4. -----	Fizeram	uma manifestação de apoio	na frente da casa do candidato vencedor desta eleição.
5. Paulo Menezes	foi	o candidato vencedor desta eleição	-----

A seguir, deverá desenvolver com o grupo, oralmente, a seguinte reflexão:

¹³ FAVERO, Teresinha de Oliveira. “Gramática no texto”, título provisório de livro em elaboração. No prelo.

¹⁴ O grupo nominal selecionado deve ser retirado do texto lido em aula. Para efeito didático, usamos um aleatoriamente, nesse momento.

“Como podemos observar, o mesmo grupo, acrescido ou não de preposição, pode ocupar as Casas 1, 3 e 4, com exceção da Casa 2, que só pode ser ocupada pelo_____.

Na oração 1, o grupo nominal exerce a função de _____;

Na oração 2, o grupo nominal exerce a função de _____;

Na oração 3, o grupo nominal exerce a função de _____;

Na oração 4, o grupo nominal exerce a função de _____;

Na oração 5, o grupo nominal exerce a função de _____.

Nesse grupo nominal, o núcleo (palavra mais importante) é _____;

Os determinantes (adjuntos adnominais) são _____.”

Após essas respostas serem apresentadas em conjunto, o processo de construção do conhecimento deve continuar com o auxílio o professor:

“Se o falante preferir, pode trocar o adjunto adnominal *vencedor* (adjetivo) por uma oração: *O candidato **que venceu esta eleição (vencedor)***. Desse modo, o quadro ficaria assim:”

Casa 1	Casa 2	Casa 3	Casa 4
1. O candidato que venceu esta eleição	fez	um discurso para seus correligionários	na sede do partido.
2. Todos	aplaudiram	o candidato que venceu esta eleição	-----
3. Alguns manifestantes	debocharam	do candidato que venceu esta eleição	em uma manifestação de rua.
4. -----	Fizeram	uma manifestação de apoio	na frente da casa do candidato que venceu esta eleição.
5. Paulo Menezes	foi	o candidato que venceu esta eleição.	-----

Conclusão a chegar com a turma: uma oração inteira pode substituir um adjetivo e ocupar qualquer casa, exceto a Casa 2 – que é só do verbo - exercendo sempre a função de determinante (adjunto adnominal). Essa oração, por ocupar o lugar de um adjetivo, chama-se ORAÇÃO SUBORDINADA (porque exerce função em relação a outro termo da Oração Principal) ADJETIVA.

Depois, oralmente, com auxílio do grupo e com registro no quadro, distribuiria as frases selecionadas do texto levado pelo professor.

Na sequência, algumas atividades são solicitadas para que o conhecimento seja solidificado através da prática e a análise de casos semelhantes. Assim, se solicita aos alunos:

EXERCÍCIO 1:

1. Crie um pequeno texto, descrevendo seu melhor amigo, usando frases curtas e alguns adjetivos (o excesso de adjetivos prejudica um texto).
2. Coloque as orações criadas dentro do quadro.
3. Substitua os adjetivos utilizados por orações adjetivas no quadro.
4. Reescreva o texto só com orações adjetivas.
5. Em duplas, releiam seus dois textos e decidam quando usar um (adjetivo) ou outro (oração adjetiva).

EXERCÍCIO 2:

1. Recorte, de jornal ou revista, frases completas onde apareçam orações adjetivas.
2. Tentem substituir por adjetivos (nem sempre eles existem, por isso se criam locuções)
3. Decida, com seu colega, o que ficaria melhor no texto.

EXERCÍCIO 3:

Título de matéria retirado de um jornal local:

“ Lula, que é o pai do mensalão, participará da reunião dos países americanos na próxima semana.”

As Gramáticas nos dizem que o adjunto adnominal e o aposto são elementos acessórios da oração. No caso apresentado, a informação apresentada pelo aposto

numa oração adjetiva é acessória? Por quê? Qual é a função da imprensa (jornal, rádio, revista, televisão, etc.?)

Discuta com seus colegas. Após é feito um debate.

EXERCÍCIO 4:

1. Busque, em jornais e revistas, frases em que apareçam orações adjetivas.
2. Recorte e decida com sua dupla quando as informações contidas nessas orações subordinadas são “acessórias” ou “essenciais” para aquilo que o autor pretende dizer.
3. Apresentação de uma de cada para o grande grupo.

EXERCÍCIO 5:

1. Crie um grupo nominal com uma oração adjetiva e escreva três frases com o mesmo grupo. Em cada frase, ele deve ocupar uma Casa diferente.
2. Coloque no quadro das Casas.

Dessa forma, o aluno formará seu conhecimento aos poucos através de sua observação e suas próprias conclusões, tendo a oportunidade de ter contato com o objeto de estudo de forma palpável. Em seguida, poderá testar e firmar sua compreensão acerca do assunto através da leitura de jornais e revistas, procurando identificar situações da mesma natureza que foi estudada através dessa atividade. Assim, o estudo volta ao texto, propondo a análise e o reconhecimento de tudo o que foi aprendido em textos do cotidiano, fazendo com que o aluno perceba a utilidade do assunto e sua aplicação.

5.3 Correção interativa

A correção é, normalmente, uma tarefa do professor. Os alunos se limitam a esperar o resultado de seus feitos, interessados apenas na nota atingida, chegando, às vezes, a nem conferir seus erros e acertos. No caso da produção textual, costumam não se interessar pelos problemas apontados pelo professor, não o procurando para tentar entender o que estaria faltando para um total aproveitamento

da atividade. Mesmo reescrevendo-os, os textos costumam apresentar os mesmos problemas, já que a tendência é se modificarem apenas os problemas gramaticais (quando isso é feito), mantendo outros problemas mais graves (coesão, coerência, estilística, etc.) e de difícil visualização por parte do aluno. Ao invés de reescreverem os textos conforme é solicitado, passam a limpo, modificando a ortografia e outros aspectos de natureza distinta, uns por displicência, outros por realmente não saberem outra forma de fazer o que foi pedido.

Pensando nisso, surgiu-me a ideia de tornar a correção uma atividade a ser feita pelo grupo, de modo a colocá-los no papel de avaliadores, com o intuito de dar-lhes a oportunidade de analisar as redações do ponto de vista do leitor. Assim, terão mais condições de perceber aquilo que falta para a completude dos sentidos e propósitos do texto. Além disso, a proposta possibilita o exercício de avaliação e questionamento acerca do resultado da produção e de interpretação, estimulando os alunos a buscarem os dados importantes em um texto, de forma a ganharem pontos, numa disputa organizada e saudável.¹⁵

Após a reescritura dos textos, em que não deverá aparecer o nome do autor, as redações serão recolhidas, misturadas e colocadas em cima da mesa do professor. A turma, por sua vez, deverá ser dividida em dois grandes grupos. A cada jogada (funcionará como um jogo), um participante de um grupo lerá uma redação sorteada da pilha de redações reescritas. O outro grupo deverá responder às questões abaixo, representado também por um só colega, que poderá pedir a ajuda do grupo se necessário for. As questões são simples sugestões a serem utilizadas, para ilustrar o objetivo da proposta. Cada professor pode salientar aquilo que achar mais importante e instrutivo.

EXERCÍCIO 1:

No caso de uma descrição:

1. Você consegue visualizar o que foi descrito?
2. Foram apresentadas características objetivas e/ou subjetivas?
3. O que você acrescentaria a essa descrição para torná-la mais completa?
4. Você também conhece o que foi descrito? Você o vê da mesma maneira?

Se é diferente sua maneira de ver, descreva.

¹⁵ A avaliação coletiva desenvolve o hábito saudável de emitir e receber crítica construtiva, sem considerá-la ofensa pessoal.

No caso de uma narração:

1. Conte, em poucas palavras, do que trata a história contada.
2. Você saberia apontar o tempo e o espaço em que a história se passa?
3. A história apresenta sequência cronológica?
4. A história parece coerente? As personagens se portam de forma real, ou, no caso de ficção, têm lógica dentro do universo criado pelo autor?

No caso de uma argumentação:

1. Qual o ponto de vista defendido pelo autor?
2. Quais os argumentos apresentados para sustentar essa ideia?
3. Há lógica no desenvolvimento do texto?
4. Você julga convincente o ponto de vista apresentado?
5. Você já pensava desse modo?
6. Mudou ou não de opinião?
7. O que foi importante (para o sim ou para o não) no texto?
8. Por que você concorda ou não com o ponto de vista?

EXERCÍCIO 2:

Para ser aplicado nos três tipos de texto: descritivo, narrativo ou argumentativo.

1. Destaque frases bem construídas dos textos.
2. Justifique a sua escolha.

Ganhará ponto o grupo que identificar adequadamente os pontos apresentados ou não nos textos dos colegas. Caso o texto não apresente um dos pontos questionados, o aluno/ grupo deverá perceber a falta e mencioná-la. A cada jogada, exercita-se uma rápida reflexão, para que haja o momento em que se conclua o quão deficiente ficam as propostas de texto sem os elementos fundamentais e indispensáveis.

Enquanto isso, o aluno que for o autor do texto que estiver sendo lido, observará a reação dos colegas, percebendo as deficiências da sua redação, agora de outro ângulo. Além disso, o exercício de identificar os tópicos exigidos nos textos tantas vezes, ao longo do jogo, poderá fazer com que os estudantes se lembrem deles no momento de produzir o próximo texto.

Essa proposta poderá ser posta em prática na correção de qualquer perfil de produção textual, podendo ser acrescentados textos trazidos pelo professor, caso queira enfatizar algum foco que não tenha ocorrido em nenhum texto da turma. Ela leva em consideração a inquietude natural dos estudantes escolares, propondo uma atividade que permita o movimento e a participação do grupo, além de não expor quem quer que seja por manter os nomes dos autores em sigilo do início ao fim da atividade. Se o professor desejar, pode trazer textos de alunos de outra turma ou, ainda, ele mesmo elaborar um texto com erros cometidos pelo grupo em geral.

Quando o professor trouxer textos para serem misturados aos da turma e para serem analisados, é importante que os aproveite ainda para outro fim: o estudo gramatical. Os textos da turma também podem ser analisados, considerando os empregos adequados das questões que o professor deseja abordar. Após o término da primeira atividade, o professor pode usar os textos para identificar e analisar os recursos linguísticos utilizados pelo autor, observando as circunstâncias apropriadas para o emprego das classes gramaticais e das funções sintáticas; diferentes formas de se expressar, utilizando ferramentas linguísticas distintas; etc. Também poderá mostrar que os textos muito bons com relação ao conteúdo poderiam, em alguns casos, investir mais na construção da linguagem. Isso os valorizariam ainda mais. É importante que fiquem claras as diversas formas e os diversos recursos a serem empregados na formulação de sentidos a serem construídos. A língua é rica e saber que pode ser explorada mais audaciosamente pode despertar nos alunos liberdade e instinto criativo na produção de textos inovadores.

5.4 Pontuação: vírgula

A pontuação é um conteúdo simples, mas geralmente mistificado quando ensinado na escola. Para que haja o acompanhamento e entendimento por parte dos alunos, é ideal que se desperte o conceito de cada regra gramatical naturalmente, a partir da observação de cada um. Assim, cada aluno chegará às suas conclusões, construindo o conhecimento através da reflexão, compreendendo o porquê de as regras existirem, além de seu funcionamento.

Para despertar a curiosidade, o professor distribuirá o texto abaixo, com o seguinte enunciado:

Refleta sobre esta história: o que é que ela ensina sobre a importância da pontuação?

Quando quiseram escolher o nome do filho, a mãe queria que se chamasse “Paulo”, mas o pai preferia “Barnabé”. Discutiram muito. No fim, o pai resolveu ceder. Só pediu que a esposa refletisse algumas horas e lhe mandasse um recado por escrito. Assim ele, ao sair da fábrica, passaria no cartório para registrar o filho.

O bilhete chegou, alegrando muito pai, pois trazia o seguinte:

“Barnabé, de maneira alguma será chamado Paulo”.

Qual não foi a decepção da esposa quando percebeu que havia errado a colocação da vírgula... Pensava em ter escrito: “Barnabé de maneira alguma, será chamado Paulo”. (ILARI, 2004, p. 18)

Após a reflexão individual, será aberta uma discussão com a participação de toda a turma para que sejam expostas as interpretações dos estudantes. É muito provável que eles não compreendam imediatamente a diferença entre os sentidos provocados pela colocação a vírgula. Dessa forma, é interessante que o professor solicite que um aluno leia em voz alta para a turma as duas orações com entonação adequada à pontuação. A partir da participação de todos, os sentidos serão evidenciados. Se necessário for, ao final da abordagem, o professor poderá esclarecer a questão ao grande grupo.

Na sequência, o professor deverá colocar no quadro o seguinte exercício:

EXERCÍCIO 1

Escreva uma frase com duas possibilidades de sentido, mudando o uso da vírgula.

EXERCÍCIO 2

A vírgula possui diversas funções. Observe as orações abaixo e procure identificar a função da vírgula em cada caso:

- a) Cláudia é muito ágil na cozinha: lava, corta, ferve e tempera os alimentos em questão de segundos.
- b) Leonardo, namorado de Ritinha, é craque em futebol de botão.
- c) Você não deve provocar a Júlia, Vanessa.

Através do exercício, constatarão as diferentes funções da vírgula, já que estão sendo empregadas em situações diferentes. Naturalmente, não utilizarão a nomenclatura da gramática para expressá-las, mas um vocabulário próprio e pouco científico, o que, certamente, é esperado e mais objetivo. Após a correção do exercício, é interessante que seja feita uma lista no quadro, com a ajuda de todos, utilizando suas conclusões, das diferentes situações em que uma vírgula é empregada, concretizando e teorizando, assim, a partir da reflexão da turma, tornando o objeto de estudo palpável.

5.5 Substantivos contáveis e não-contáveis

Para identificar um substantivo como contável ou não-contável podem ocorrer pequenas confusões e dúvidas nos conceitos que definem essas duas classes. Contudo, o assunto é bastante simples, necessitando, apenas, que sejam apresentados exemplos bastante ilustrativos que tornem claros os conceitos. Para isso, é indispensável que tais exemplos sejam inseridos em textos, para que torne mais explícita a natureza do substantivos em questão. Além de apresentar essa qualidade, os exercícios abaixo, propostos por Ilari (2003, p. 176, 178, 179), proporcionam boa oportunidade de reflexão e análise da questão:

EXERCÍCIO 1

Analise esta receita de bolo: veja quais, dentre os substantivos em destaque, são contáveis e quais não-contáveis:

Bolo de cenoura

Bater no liquidificador: 4 ovos mais duas cenouras cruas picadas + uma xícara de óleo.

À parte, misturar: 2 copos de farinha, 2 copos de açúcar, 1 colher de pó royal.

Depois de bem batidos os ingredientes que foram ao liquidificador, misturar com ingredientes secos.

Untar uma assadeira, pulverizar com farinha, despejar a massa, assar.

Cobertura: 7 colheres de açúcar, 2 colheres de leite, 2 colheres de manteiga, 2 colheres de chocolate em pó.

Levar ao fogo para ferver bem. Despejar sobre o bolo assado e levar tudo ao forno por alguns minutos.

EXERCÍCIO 2

No texto que segue, assinale as palavras não contáveis. Em sua opinião, fibra é uma dessas palavras? Por quê?

Quando a comida não digerida só faz bem

A origem da palavra “enfezado” aparece no dicionário etimológico como desconhecida, mas quem tem intestino preso a conhece muito bem. Quando o órgão não funciona do jeito que deve, o sujeito fica muito irritado. E é aí que deve entrar a ação das fibras, que tanto dão alívio e tranquilizam o enfezado.

Para quem acha que há coisas mais importantes no quesito saúde que o funcionamento do intestino, saiba que 60% da nossa imunidade é responsabilidade desse órgão, uma poderosa barreira de defesa contra infecções, diz Franco Lajolo, do Departamento de Alimentos e Nutrição Experimental da USP.

As fibras, compostas de vários tipos, ajudam ainda no controle do colesterol e da quantidade de açúcar no sangue. O assunto é tão sério que já houve até congresso nos Estados Unidos para definir as fibras, que, segundo Lajolo, são os resíduos dos alimentos vegetais não digeridos pelo organismo.

Lajolo fez uma tabela aproximada da quantidade de fibras para cada 100g de bolo Barriga Zerada. O ingrediente campeão é o farelo de trigo, com 25 a 30% de fibras.

As frutas têm cerca de 5%, a cenoura, 2% e a farinha integral, quem diria, só de 1 a 2%.

(“Folha Equilíbrio”, FSP, abril de 2000)

(adaptado de: ILARI, 2003, p. 176;178;179)

O segundo exercício chama a atenção para o fato de “fibra” não ser apresentado na companhia de uma medida e mesmo assim tratar-se de um substantivo não-contável. Essa observação é importante para que os alunos não se condicionem a identificar os substantivos não-contáveis através das medidas que normalmente são apresentadas junto a eles. Mostra, portanto, que é preciso refletir acerca do significado dos substantivos para tirar conclusões, ao invés de tornar o procedimento mecânico.

5.6 Sinônimos e antônimos - referência

Para a introdução de “Sinônimos e Antônimos - referência”, a apresentação de um texto é fundamental para que seja possível analisar as questões abordadas na sequência da leitura e da discussão da história. Dentro dele, poderão perceber as relações dos termos em questão em seu contexto, semântico e sintático, de forma a ter condições de identificar a importância de sinônimos e antônimos na construção de um texto. Toda a reflexão proposta necessita de um material que exemplifique as utilizações e que explicita a importância delas. Por isso, a ideia é composta pela apresentação de uma produção textual e questionário, que poderá ser feito individualmente ou em grande grupo, de maneira a estimular as construções próprias. Na continuação, um produção textual, para que o aluno ponha em prática e confirme os pontos levantados na discussão¹⁶.

¹⁶ Aqui faz-se necessário enfatizar que o professor não deve exigir que o aluno utilize obrigatoriamente tais e tais construções, objeto de estudo no momento. Dessa forma, o texto fluirá naturalmente como um texto real. As construções irão aparecer, ou não, mas a produção não deve ser condicionada a isso, sob pena de soar artificialmente.

Nada é de todo ruim

Em uma bela segunda-feira de manhã, em uma pequena cidade do interior, Sara se arrumava para ir à escola. Depois de um banho quente e um café da manhã delicioso, muito bem preparado por sua mãe, ela finalmente se dirigiu ao colégio. Acordar cedo era sempre muito desagradável, mas o prazer de reencontrar suas amigas depois de um longo final de semana compensava o sacrifício. É bem verdade que, lá, Sara também cultivava algumas inimizades, chamava-as até de inimigas, mas essas ela ignorava.

No caminho, entretanto, foi surpreendida por um assaltante, que exigiu sua mochila com tudo o que havia dentro. Assustada, diante de tamanha agressão, ela entregou, tremendo, sua mochila novinha ao ladrão. Dentro, estavam todos os seus cadernos e sua saborosa merenda. Apavorada, voltou correndo para casa pensando em se proteger em seu seguro e aconchegante lar. Chegando lá, sua mãe não acreditou no que ouvia: um assaltante em uma cidade tão pequena? Mesmo surpresa, ligou para a escola e explicou o porquê da ausência de Sara.

Depois de muitas horas de choro em seu quarto, Sara recebeu a visita de suas fiéis escudeiras, que vieram consolá-la. Sendo assim, a segunda-feira foi encerrada com um saldo positivo: Sara aproveitou somente o lado bom da escola: as amigas.

EXERCÍCIO 1

- a) Procure no texto palavras que se refiram ao mesmo ser (que possuam o mesmo referente).¹⁷
- b) Procure duas palavras que se refiram a outro(s) ser(es).
- c) Qual é a utilidade de haver mais de uma palavra com a mesma referência?
- d) Você acredita que as palavras que possuem o mesmo sentido apresentam EXATAMENTE o mesmo significado? Por quê?

Depois de debater acerca do texto e das questões sugeridas acima, o professor deverá apresentar as nomenclaturas: sinônimo e antônimo. Deverá apresentar exemplos de sinônimos que, em contexto diferente, não se encaixam, por

¹⁷ Um texto deve sempre ser, em primeiríssimo lugar, objeto de leitura : compreensão e interpretação.

não possuírem o significado idêntico ao seu par. Assim, ficará evidente que não há sinonímia perfeitamente equivalente. Na sequência, outra etapa:

EXERCÍCIO 2

Conte algo que tenha marcado a sua infância, narrando fatos e detalhes importantes.

Ao produzir o texto, o aluno certamente utilizará diversos sinônimos e alguns antônimos que serão identificados e comentados em um segundo momento com a ajuda do professor, que deverá chamar a atenção para as ocorrências a fim de fazer o aluno perceber a aplicação do recurso, feita por ele mesmo, e refletir sobre ela, buscando sua razão.

5.7 Gramática através da leitura de textos

Outra atividade que também encontra na escolha do tema grande fator de sucesso ou insucesso é a leitura de textos em sala de aula ou como dever de casa. Novamente, o assunto a ser tratado nas leituras propostas será o divisor de águas quanto à resposta dos alunos à atividade. Além de haver a tarefa de encontrar uma leitura agradável, trazendo assunto que interesse à turma, é preciso que se procure o tipo de texto que tenha algo a abordar em aula na etapa seguinte. Explico. A ideia é transformar a leitura em uma atividade que tenha duas funções, praticar a leitura e a interpretação de texto e, em um segundo momento, aproveitar o mesmo texto para observar ocorrências gramaticais, pois, nesse ponto do trabalho, já terão um domínio razoável do texto, compreendendo a mensagem e a ideia. A partir daí seria natural aumentar o grau de compreensão para observar a utilização de assuntos gramaticais nos textos, seus significados, sua importante função, etc.

Esta é uma maneira atípica e interessante de introduzir algo teórico e tido tradicionalmente como “chato” pelos estudantes: realizar um exercício de observação e dedução das funções e papéis das expressões utilizadas, de forma que os alunos cheguem a uma conclusão com a ajuda do professor. Assim, a atenção terá mais chances de ser conseguida, e o conhecimento será construído em conjunto, para que o aluno reflita acerca da existência das regras gramaticais e o

porquê de cada uma delas, diferentemente de impor ao aluno conceitos complexos a serem decorados, sem aparente fundamento. Após o debate e as regras concluídas, o professor poderá convidar a todos a registrar no caderno aquilo que descobriram, elencando os aspectos debatidos no quadro negro. Feito isso, esta etapa estará concluída. A partir deste ponto, exercícios específicos de conceitos gramaticais não serão assustadores e infundados. Servirão apenas para fixar aquilo que já foi compreendido e ilustrado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs uma reflexão acerca dos métodos e dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa na escola pública regular. A partir das leituras e da pequena (mas relevante) experiência através do Estágio de Docência em língua portuguesa oportunizado por esta Universidade, foi possível concluir alguns aspectos que podem ajudar a modificar o quadro atual do processo de ensino/aprendizagem de nossa língua materna.

Foi proposto que, para motivar o aluno para o estudo, é indispensável que seja apresentada a utilidade e a aplicação daquilo que está sendo ensinado. Dessa forma, haverá maiores possibilidades de fazer com que os estudantes passem a gostar das aulas de LP, já que terão a oportunidade de aprender algo que será empregado em seu cotidiano. Assim, o estigma da inutilidade não será mais parte da realidade das aulas de LP aos olhos dos alunos, que, provavelmente, passarão a valorizar as oportunidades de adquirir conhecimentos tão preciosos, através da leitura, da produção e da gramática.

Outro aspecto abordado foram as variantes da língua e a postura dentro da escola diante delas. É preciso que o aluno compreenda que a variante culta da nossa língua é, de fato, uma ferramenta muito importante na caminhada da vida, sendo absolutamente necessária em situações profissionais, contribuindo com a possibilidade de ascensão social e econômica, e, assim, possibilitando melhor qualidade de vida. Por outro lado, é também indispensável que seja colocada ao aluno a igual importância das outras variantes da língua portuguesa, fazendo-o entender que a língua, assim como a roupa, deve ser utilizada conforme a situação, sem desprestigiar uma ou outra variante.

Para que o estudo de nossa língua materna nas escolas comece a surtir efeitos positivos, é preciso que haja uma reavaliação dos métodos utilizados e dos reais objetivos de se ensinar/aprender o português. O aluno que recebe o conhecimento com a obrigação de decorá-lo, sem que lhe sejam dadas condições de efetivamente aprender, fatalmente esquecerá todo o conteúdo visto tão rapidamente quanto foi o contato estabelecido. Portanto, o ensino deve se dar de maneira muito diferente daquela que está sendo desenvolvido na maior parte das escolas públicas brasileiras: a partir do texto, desenvolver as mais variadas

atividades, visando atingir diferentes objetivos (gramática, leitura, produção textual, desenvoltura oral, boa capacidade de expressão, etc.). Dessa forma, o professor trará os conteúdos de LP à realidade do aluno, promovendo condições eficazes para a aproximação entre o objeto de estudo e seus usuários. Para o sucesso dessa metodologia ser efetivo, é absolutamente determinante considerar o perfil da turma no momento de escolha dos textos e propostas a serem trabalhados. Isso significa dizer que deverão ser analisadas variadas características do grupo em questão: realidade social, econômica, cultural e regional e faixa etária. É de suma importância optar por textos que abordem assuntos do interesse da turma, para que haja a participação e envolvimento de todos com o assunto. Essa etapa é fundamental para que a continuação das atividades seja bem sucedida.

Ainda sobre a metodologia, foi também considerada positiva a construção do conhecimento, de forma que o aluno acompanhe os processos da língua, refletindo e chegando a conclusões individuais ou em conjunto com a turma e o professor. Dessa forma, o aluno compreenderá as razões da maneira de como a língua é constituída, obtendo uma visão completa e madura do conhecimento, ao invés de decorar temporariamente informações aparentemente infundadas e aleatórias.

A partir do momento que o conhecimento é internalizado de maneira consistente e duradoura, o aluno adquire maiores condições de se expressar e se comunicar, tanto na escrita como na oralidade. Adquire, ainda, melhores condições de organizar, encadear e expressar as ideias, tarefa nada simples quanto parece, para a maioria dos brasileiros.

Finalmente, está na hora de dar uma sacudida no marasmo em que se encontra a Educação, não apenas criticando, mas propondo soluções. Este trabalho pretendeu, modestamente, dar sua contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português**: fundamentos, percursos, objetos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BORTOLOTTI, Nelita. **A interlocução na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 20. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1987.

GERALDI, João Wanderlei. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRIGOLETTO, Marisa. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**: língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1999.

ILLARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Introdução ao estudo o Léxico**: brincando com as palavras. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Mal comportadas línguas**. 2. ed. Curitiba: Criar Edições, 2002.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Gramática**: nunca mais. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

FAVERO, Teresinha de Oliveira. **Gramática no texto**. Título provisório de livro em elaboração.